

O SUPER-RELATOR QUE NÃO FOGE DAS BOLAS DIVIDIDAS

LÚCIO ALCÂNTARA

Tucano se define como um político de centro-esquerda

O senador Lúcio Alcântara (PSDB-CE) é um super-relator. O codinome não lhe foi dado por acaso: desde que assumiu sua cadeira no Senado, em 1995, ele relatou dezenas de projetos, 38 só no ano passado. Dentre esses, figuram alguns dos mais polêmicos em passagem pela Casa: o Fundo de Combate à Pobreza, a proposta de Desvinculação de Receitas da União (DRU), o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust) e a Lei da Informática. "A maioria dos políticos foge das bolas divididas. Eu não", garante o senador.

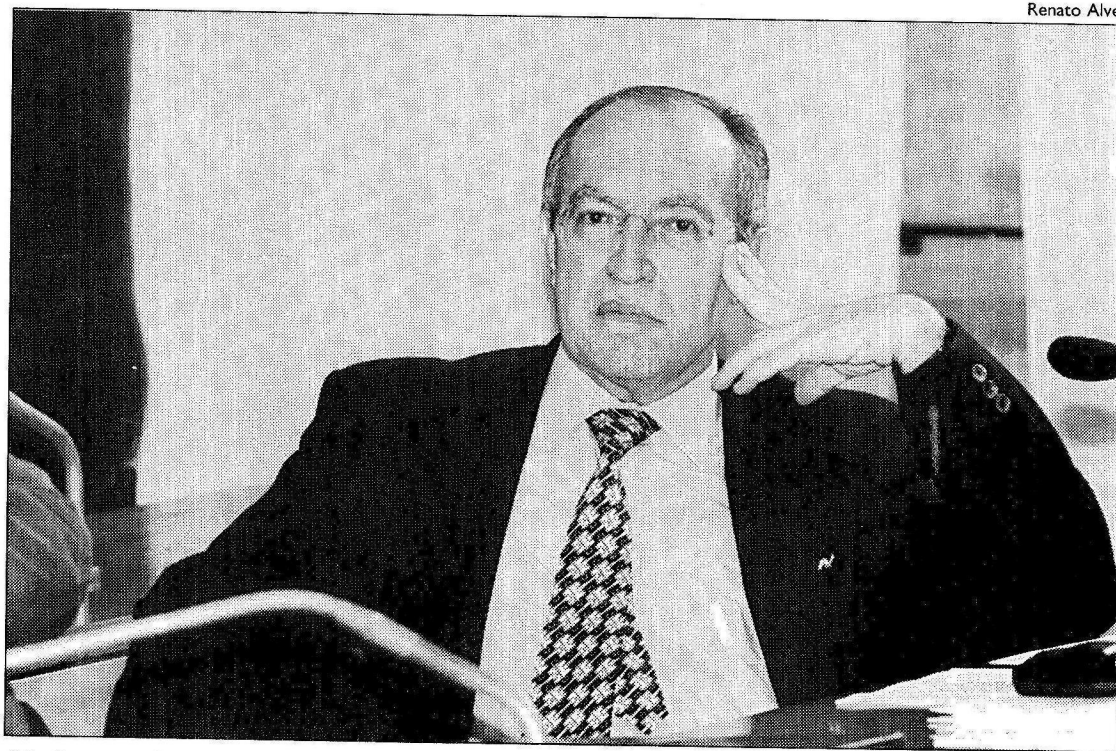
Tanto trabalho é justificado pelo próprio Lúcio Alcântara: "Como não sou brilhante, procuro ser operoso." Para ele, o motivo de tanta solicitação é elementar: "Não costumo deixar serviço em cima da mesa." A disciplina do tucano é reconhecida pelos próprios colegas. "Se o Governo tem algum projeto polêmico no Senado, confia a tarefa para o Lúcio Alcântara", confirmou o senador Pedro Simon (PMDB-RS).

O entrosamento entre Alcântara e o Executivo é tanto, que o senador alterou o relatório sobre o Fundo de Combate à Pobreza para atender ao Ministério da Fazenda. Para este projeto, o senador elaborou três versões. A última, feita a quatro mãos com o ministro Pedro Malan, causou polêmica.

Pela proposta, o Fundo - de

"Se o Governo tem algum projeto polêmico, confia a tarefa para o Lúcio Alcântara", comenta o senador Pedro Simon (PMDB-RS)

Renato Alves



Alcântara diz que falta amadurecer a relação crítica entre o Legislativo e o Executivo

R\$ 4 bilhões ao ano - será abastecido com o rendimento da verba das privatizações. O dinheiro da venda das estatais ficará aplicado no mercado financeiro por dez anos - período de duração do Fundo. Depois disso, a verba só poderá ser utilizada no abatimento da dívida da União. "É uma proposta realista. Mesmo que não seja a dos meus sonhos,

representa um avanço", disse Alcântara.

A vida pública do senador, repleta de desafios, encontra um homem simples no âmbito pessoal. O médico fortalezense, formado pela Universidade Federal do Ceará, se encantou pela vida política de seu pai, Waldemar Alcântara. Aos 56 anos, Lúcio é um cidadão caseiro, adepto do

ciclismo e fanático por livros - tem uma biblioteca com cinco mil exemplares. A paixão pelas letras lhe rendeu um lugar na Academia Cearense de Letras pela publicação de ensaios sobre política e medicina.

Ídolos, não tem. Mas confessa simpatia política por Winston Churchill - de quem conserva uma fotografia emoldurada

em seu gabinete no Senado. A admiração pelo ex-primeiro ministro inglês vem de ele ter saído da Segunda Guerra Mundial como grande líder, e logo depois ter perdido as eleições. "Existem altos e baixos na política, e é importante ter consciência disso," reconheceu o senador.

Politicamente, o tucano se define como de centro-esquerda, ou da "esquerda democrática". Em sua opinião, existe uma relação de antagonismo, e quase de intolerância, entre o Executivo e o Legislativo. "Falta amadurecer a relação crítica entre um e outro poder. Respeitosa, mas crítica", defende. "O Legislativo pode melhorar muita proposta que o Executivo manda, e vice-versa. Essas relações, no Brasil, precisam ser mais civilizadas".

O fato de ser relator de tantos projetos deu ao senador grande notoriedade - tanto no parlamento, quanto aos olhos do Poder Executivo. Alguns o apontam como um nome provável para a liderança do PSDB no Senado - comentário descabido, segundo o senador. O fato é que seria conveniente para o partido do Governo federal ter o senador como líder na Casa - alguém que conversa com desenvoltura com tantas facções no Congresso.

**CAROLINA BRÍGIDO e
TACIANA COLLET**

Reportagem de JORNAL DE BRASÍLIA